

# Editorial

1. Neste número da *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, é ocupada a secção *Em foco* com a descrição pormenorizada da orgânica da Escola Nacional de Saúde Pública. Aproveito tal circunstância para tentar, neste *Editorial*, fixar os dados essenciais da ideologia que penso constituir o alicerce da Escola.

Depois de, no número anterior, ter apresentado aos leitores as linhas editoriais da *Revista*, não ficará mal que neste lhes fale da instituição que a realiza e edita.

2. Começarei por dizer que, mais do que um serviço definidamente localizado no organograma do Ministério dos Assuntos Sociais, a Escola Nacional de Saúde Pública é sobretudo um projecto em realização continuada e permanente.

Neste projecto podemos individualizar as componentes seguintes: *organizacional, científica, cultural, ética e nacional*.

Tais componentes não estarão explicitamente formuladas nos textos legais mas sentem-se na vida diária da instituição e imprimem-lhe carácter.

Detenhamo-nos brevemente sobre cada uma delas.

3. Em termos organizacionais, a Escola funciona como um sistema evolutivo, adaptável, actuante. Sistema que constitui a estrutura de uma comunidade viva, integrando elementos permanentes — os docentes e os colaboradores fixos — e elementos mutáveis — os discentes. (Esclareço que, ao falar em discentes, quero referir os que estão e os que já estiveram na Escola, pois todos são parte do mesmo corpo moral e, onde quer que estejam, são e fazem Escola).

Esta comunidade move-se por objectivos finais que devem ser comuns a todos os seus membros, planeia, executa e responde perante o País como um todo. Procura realizar uma verdadeira comunidade de trabalho, na qual todos os elementos são solidários e responsáveis no grau e nas funções que a cada um competem e nas circunstâncias em que cada um se encontra.

E, se disfrutamos de apreciável autonomia, cabe-nos, em consequência, a correspondente responsabilidade: interna, hierárquica e social.

4. A componente científica da Escola tem a ver com os referidos objectivos finais que, obedecendo a uma clara hierarquia, se alinham assim: ensino, investigação, acção externa.

Naturalmente, o peso maior das prioridades recai na área do ensino, mas a responsabilidade da Escola inclui também o dever de criar e aperfeiçoar ciência e técnicas da saúde e de intervir na comunidade, apoiando-a, impulsionando-a, procurando melhorá-la.

A atitude pedagógica é global. Tudo na Escola tem sentido e reflexos didácticos, desde a organização dos

serviços à qualidade do ensino, desde o funcionamento dos órgãos directivos até à conduta dos responsáveis.

5. A cultura é, em termos muito simples, o estilo de vida comum que caracteriza um povo. A cultura abrange a totalidade dessa vida em comum: convivência, história e estruturas sociais e políticas. A cultura de um povo define o tipo de homem que a cria e que é, ao mesmo tempo, sua resultante.

Ora, a Escola foi estabelecida e actua num país determinado, com cultura longamente elaborada, com história apaixonadamente realizada e, por vezes dramaticamente vivida, para homens vivencialmente definidos e caracterizados.

Penso que a Escola terá de partir dessa cultura e desse tipo de homem, respeitando o contexto real da sociedade portuguesa e do homem português.

Mas a sua vocação é a de projectar o futuro. Ela própria é um projecto de futuro. Caber-lhe-á então escolher por si mesma os parâmetros desse futuro, na área em que tem responsabilidades, e contribuir, dando-se por inteiro, para a evolução justa e progressiva da cultura portuguesa, tomada no seu sentido mais amplo.

6. A vida da Escola anda subordinada a normas éticas, entre as quais podemos apontar o respeito pela verdade científica, a humildade perante a dúvida e o erro, a capacidade de correcção, a honestidade de processos de trabalho, a defesa da independência científica.

Tudo isto, no entanto, tem como polo de atracção e limites o respeito pelo homem integral e pelo seu valor individual, social e transcendente. Falo do homem concreto, da pessoa humana, origem, destino e razão de tudo o que estudamos, ensinamos e investigamos.

7. Finalmente, deverei salientar que a Escola é um projecto eminentemente nacional, no sentido de que ele se desenvolve *no* nosso País, *com* o País e *para* o País.

Embora atenta às necessidades da comunidade nacional para as quais se sente obrigada a procurar resposta possível, a Escola só se realizará na medida em que o País a quiser. E o País há-de querê-la na medida em que a sentir identificada com as suas características e aspirações essenciais. A Escola será assim uma das múltiplas formas por que a Nação se exprime.

Esta posição não ignora que a saúde é supranacionalmente indivisível, pelo que a instituição se mantém igualmente disponível, face às exigências da saúde na dimensão planetária.

8. Em resumo, a Escola procura organizar-se e actuar com a finalidade de contribuir para que a vida dos homens se revista de crescente dignidade e se torne, em toda a extensão, verdadeiramente humana.

